

Expressões de cultura e educação nas obras literárias: a leitura em questão

Expressions of culture and education in literary works: reading in question

CELIA BEATRIZ PIATTI¹

SÔNIA DA CUNHA URT²

RESUMO: Este estudo é fruto da análise das obras de literatura infanto-juvenil *Tiquinho do Pantanal - o dia-a-dia de um pantaneirinho*, de Marcela Lemos Monteiro e *Pantanal- amor baguá*, de José Hamilton Ribeiro. Pretende-se elaborar, a partir dele, uma proposta de trabalho de leitura com as crianças da região pantaneira. Na discussão ensejada o binômio educação e cultura é o alvo privilegiado, revelando que as obras em questão nos oferecem dados para encontrar, no cenário pantaneiro, a presença do homem como expressão importante. Considera-se que esta investigação oferecerá aos professores e alunos da região pantaneira um material relevante como estímulo à leitura nas salas de aula das escolas, oportunizando a esses sujeitos reconhecerem-se como construtores de sua história, ao mesmo tempo em que se apropriam dos produtos construídos pela cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; cultura; educação.

ABSTRACT: This study is the result of the analysis in children's literature works *Tiquinho do Pantanal - o dia-a-dia de um pantaneirinho* written by Marcela Lemos Monteiro and *Pantanal - amor bagua* written by José Hamilton Ribeiro. Our goal is to make, from him, a reading work proposal with the children from Pantanal region. The binomial of education and culture is

1. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil

2. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil

the aim of our discussion it is revealing that the results of these works offer us to find data on pantaneiro scenario, the presence of man as an important expression. We understand that this research will offer teachers and students of the Pantanal region an important material as reading stimulus in classrooms of schools, providing opportunities to these individuals see themselves as builders of their history, while , take the products already constructed by culture.

KEYWORDS: Literature; culture; education.

DE INÍCIO...

Para realizar este estudo, valemo-nos dos resultados das análises de duas obras da literatura infanto-juvenil *Tiquinho do Pantanal: o dia-a-dia de um pantaneirinho*, de Marcela Lemos Monteiro e *Pantanal - amor baguá*, de José Hamilton Ribeiro. As obras apresentam, por meio das narrativas das personagens Tiquinho e Betinho, peculiaridades do cotidiano da vida no Pantanal. Na forma de costumes, crenças, atividades e diferentes expressões, revelam um sujeito que se constitui como pantaneiro³, desvelando a cultura e a educação que se manifestam no seu dia a dia.

Pretendemos, assim, elaborar um trabalho de leitura com as crianças e jovens da região pantaneira, a partir do produto das referidas obras, e discutir o modo pelo qual eles se constituem em um sujeito concreto, social, histórico e cultural engendrado pela apropriação da cultura, através dos processos educativos. Apresentamos, neste artigo, os fundamentos de nossa proposta.

Buscamos trazer, com base na teoria Histórico-Cultural, elementos que apontem para a constituição desse sujeito por meio dos processos educativos; artefatos culturais que permeiam a singularidade desse homem, que também se revela no universal; como a apropriação destes artefatos, isto é, o trabalho de leitura com as crianças e jovens que vivem na região pantaneira, se reveste de importância para o desenvolvimento desses sujeitos.

A LEITURA NA SALA DE AULA: O CONTEXTO PANTANEIRO

Ao considerarmos a escola como um dos espaços sociais privilegiados para o acesso à leitura, pensamos ser necessário que o aluno leitor assuma uma postura crítica em relação ao mundo, à realidade proveniente das diferentes possibilidades de interpretação que a literatura oferece.

3. Neste estudo, chama-se de homem pantaneiro, aquele que é nascido, vive e /ou trabalha na região pantaneira.

As obras em questão trazem sentidos e significados do mundo concreto da criança pantaneira. Esse mundo no qual ela é personagem lhe possibilita reconhecer-se como sujeito ativo e participativo no meio social, por isso, a prática da leitura deve ser desenvolvida em diversos momentos e espaços.

A literatura oferece oportunidades para o leitor aproximar-se das dimensões sociais, históricas e culturais e, ao ser introduzida no contexto escolar, amplia o aspecto pedagógico, uma vez que propõe ao leitor a possibilidade de um posicionamento crítico, uma maneira de aprender e apreender, por meio da leitura, questões que o cercam e que concernem à sua função social, seu contexto, sua origem e sua história. Nesse sentido é que elaboramos a proposta com as obras literárias e levantamos aqui os seus fundamentos.

A importância da leitura é aproximar o leitor de um mundo no qual ele possa imaginar, fantasiar, mas também se posicionar em relação a esse mundo que se apresenta no contexto literário. As obras de Marcela Monteiro e José Hamilton Ribeiro oferecem às crianças e jovens da região pantaneira a possibilidade da crítica, da visão pantaneira, da experiência e da cultura desse lugar que eles vão construindo.

Na prática da leitura, o sujeito pode aproveitar-se da experiência de outros, aquela acumulada ao longo da história da humanidade, apropriando-se das criações, no caso dos livros, dos museus, dos monumentos; se não fosse a leitura, cada sujeito teria que começar tudo de novo. Para além disso, a literatura oferece um tipo único de experiência, trabalhando com a imaginação, a criação, o pensamento criador. Nesse sentido, a literatura não é uma forma de passar o tempo, mais do que recreação, ela é uma maneira de conhecer o mundo e os homens.

Ao reconhecermos que a natureza social do sujeito está ligada ao desenvolvimento da cultura e da sociedade, aceitamos a ideia de que é na interação com o outro que o sujeito interioriza, aprende e interpreta os fatos do contexto em que atua. O sujeito reconhece-se como produtor de conhecimento, constrói-se nas organizações sociais, assim, apropria-se da cultura no espaço onde vive.

É nessa perspectiva que a leitura produz cultura, uma vez que oportuniza ao leitor aproximar-se do texto, do contexto, e inserir-se nele de forma a compreendê-lo e a intervir, em interação com o outro, na produção de nova cultura, no reconhecimento dos espaços de pertença e na identificação com pessoas, lugares e narrativas. Nesse processo, novas histórias de vida, convivência, conhecimento e novos percursos de construção de identidade são produzidos.

A literatura é o recurso utilizado na nossa proposta de leitura para representar o contexto pantaneiro, em sua forma natural, com a participação do homem, com suas

características, seu modo de vida, sua relação com a natureza e a coragem diante das adversidades que a própria natureza impõe a sua existência e sobrevivência.

As obras selecionadas possibilitam a compreensão da história diária do homem pantaneiro, considerando-o como sujeito histórico, social e, ao mesmo tempo, indivíduo singular. Por meio da história de personagens, de lugares, de identidades, a memória e as narrativas de crianças são reveladas em suas páginas. Dentro das histórias, o processo de cultura e de construção da identidade se articula, pondo a mostra lugares, acontecimentos, alegrias, aprendizagens, experiências, pessoas e sentimentos que se fizeram presentes na construção da história de um lugar: o Pantanal.

Assim, se a importância das obras se encontra no ato de revelar a forma de vida na região do Pantanal, a escola, entendida como espaço de socialização, aproxima as crianças e os jovens de sua história e de uma modo de analisar e compreender os processos formativos que os envolvem na construção de sua identidade e cultura.

CULTURA E EDUCAÇÃO: APONTAMENTOS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO - CULTURAL

Na perspectiva histórico-cultural⁴, tomando em especial a obra de Vigotski⁵ (2005), nota-se que o autor não procurou uma definição formal do conceito de cultura, embora ela ocupe lugar importante nos seus estudos, uma vez que ele aceita a ideia de que a cultura se concretiza a partir dos instrumentos e signos, podendo ser representados tanto pelo elemento material quanto pelo elemento psíquico. Citamos a linguagem, mencionada pelo autor, como a expressão das variadas

4. “[...] segundo Valsiner e Van der Veer (1996) ‘teoria histórico-cultural’ é um termo cunhado por Vigotski e Luria para denominar sua concepção de desenvolvimento humano, trabalhada, sobretudo, entre 1928 e 1931. Embora não comporte, portanto, toda a obra de Vigotski, serve para designá-la como uma metonímia da parte pelo todo. O termo ‘teoria sócio-histórica da atividade’ foi cunhado mais tarde por Leontiev. No Brasil, existe uma diversidade de denominações, as quais por sua vez implicam diferenças teóricas e metodológicas na interpretação do autor. [...] Não nos cabe entrar no mérito das disputas por qual denominação seria mais correta ou mais fiel à teoria do autor, pois a diversidade de leituras faz parte do processo social da apropriação de qualquer obra. Adotarei a denominação ‘histórico-cultural’ por ser a que o próprio Vigotski teria cunhado e por ser a mais usada hoje na própria Rússia”. (DELARI, 2009, p. 3).

5. Autor de origem russa, seu nome apresenta-se em diferentes grafias nas obras traduzidas. Para padronizar, em nosso trabalho, utilizaremos Vigotski, porém, nas referências bibliográficas respeitaremos a grafia da obra consultada. É importante ressaltar que a teoria histórico-cultural tem base marxista, e os apontamentos de Vigotski visavam superar a perspectiva burguesa da Psicologia, na expectativa de entender como ocorre o desenvolvimento do psiquismo, objetivando mostrar que o homem é ativo em relação a sociedade em que vive e sua ação resulta na transformação do seu meio e, nesse movimento, ele transforma a si mesmo.

interações sociais, em situações comunicativas, nas quais a criança desenvolve seus processos psicológicos. A linguagem, nesse sentido, desempenha uma função mediadora, simbólica, entre o sujeito e o mundo, portanto, esse sujeito é o organizador dessa relação. É por meio do trabalho com a linguagem que o sujeito amplia a função generalizante, desenvolve os conceitos e reconhece a realidade do contexto, que representa um aspecto primordial nas relações sociais e na construção do pensamento. Isso significa que pela linguagem é possível transmitir a outras gerações o conhecimento construído pela humanidade.

Entende-se, portanto, que a relação do homem com a cultura ocorre por meio da linguagem, permitindo a comunicação, a criação da história⁶, o movimento intenso do sujeito que cria e recria fatos e acontecimentos em tempos e espaços históricos.

Ao discutir o cultural como aspecto constitutivo do homem, Vigotski afasta-se das outras concepções psicológicas, afirmando que a chave para a compreensão do funcionamento mental superior do homem reside no papel da mediação. Esta, por sua vez, é o processo de intervenção de um elemento numa relação que não se dá diretamente. Nesse sentido, podemos depreender que não há uma ligação direta entre o homem e o mundo, mas, sim, mediada por instrumentos ou signos. Se os instrumentos agem externamente ao indivíduo, os signos são elementos internos ao sujeito, são considerados como auxiliares nos processos psicológicos.

Nessa direção, Leontiev (2004) reconhece que a cultura, como desenvolvimento do sujeito, está agregada ao desenvolvimento da sociedade. Assim, a cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social. Todavia, a história do homem é marcada pela existência de múltiplas culturas, cuja diversidade retrata as práticas e tradições de diferentes lugares, de modo que somos levados a refletir sobre a coletividade à qual pertencemos e sobre as interações que estabelecemos com o outro.

Conforme a cultura é concebida nesses dois sentidos, ela se refere à totalidade de características de uma realidade social, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças sem pensar a sociedade à qual se refere. A cultura é vista, então, como um domínio da vida social, por conseguinte não está acabada, mas

6. De acordo com Sirgado (2000) história é entendida por Vigotski de duas maneiras: em termos genéricos, significa “uma abordagem dialética geral das coisas”; em sentido restrito, significa “a história humana”. Distinção que ele completa com uma afirmação lapidar: “a primeira história é dialética; a segunda é materialismo histórico”.

encontra-se em um processo dinâmico e, ao estudá-la, compreendemos a transformação das sociedades.

É por meio da cultura que o processo de hominização⁷ avançou de uma conformação genética para um movimento que provocou a transformação da natureza. Desse modo, a cultura é parte constitutiva da natureza humana, suas características se revelam por meio da internalização dos modos historicamente determinados e socialmente organizados. A cultura é, pois, algo recriado e reinterpretado pelo sujeito que a constitui.

A relação entre cultura e educação é dinâmica, marcada pela apropriação de conhecimentos produzidos pela experiência humana. Nesse sentido, a educação é a capacidade que, historicamente, o ser humano desenvolveu e que se manifesta nas mais diversas formas e nos mais variados artefatos culturais, representada não só de modo formal, mas também informal nas atividades realizadas pelo homem em seu cotidiano.

Se a Educação é a apropriação de conhecimentos acumulados, entendemos que a aquisição do conhecimento, assim como a apropriação do significado social das objetivações se dá na atividade, por meio da qual o homem toma para si os resultados das experiências vivenciadas, sujeito às condições sociais. É dessa forma que os artefatos culturais, no caso, a proposta de leitura, podem oferecer ao sujeito as condições necessárias para que se constitua como tal e se aproprie dos conhecimentos presentes no plano de trabalho de literatura.

Assim como a cultura, a educação é um fator importante na formação da identidade das crianças e dos jovens, futuros adultos. Em cada estágio de desenvolvimento, há uma atividade que lhe é característica: inicialmente, na infância, o jogo; na adolescência, o estudo e na fase adulta, o trabalho. Assim, cada fase contribui de certa maneira para a formação do sujeito.

Para Morettini e Urt (2010), a educação é também um processo que se desenvolve e constitui pela relação e mediação dos signos. A educação é o processo pelo qual a sociedade transmite a sua cultura a seus membros.

Consideramos, então, a vida social como um processo dinâmico, e cada homem participa desse processo ativamente na relação com o outro e na interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo. Portanto, a cultura é um conjunto de

7. Hominização neste texto refere-se ao processo evolutivo pelo qual o sujeito vai se constituindo pela atividade do trabalho aprendendo a ser humano, ou seja, constituindo-se nas relações que estabelece entre o que faz e o que é.

produções humanas desenvolvidas histórica e socialmente, podendo ser considerada resultado da obra humana.

Como aponta Vigotski (1995, p. 34),

A cultura origina formas especiais de comportamento e modifica a atividade das funções psíquicas, edifica novos níveis no sistema de comportamento do desenvolvimento. [...] No processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento especificamente culturais.

Nesse sentido, a cultura é apropriada pelo homem a partir de sua mediação pelos instrumentos, possibilitando considerá-la, tanto quanto a educação como criações históricas e coletivas. Nesse sentido, a natureza social do sujeito é inseparável do desenvolvimento da cultura e da sociedade, de modo que o mundo da indústria, das ciências e da arte é uma expressão histórica de natureza humana, e é um processo sempre ativo.

Ao tentar entender a cultura também trazemos à tona a compreensão da humanidade em toda a extensão de sua existência, em que o desenvolvimento da estrutura humana é entendido como um processo de apropriação pelo sujeito da experiência histórico-cultural. Sujeito que se constitui nos movimentos que realiza em direção aos desafios do mundo. É na interação com o outro que o ele interioriza, aprende e interpreta os fatos do contexto em que atua, reconhece-se como produtor de conhecimento, e constrói-se nas organizações sociais.

Ao considerarmos o sujeito em meio às relações sociais (políticas, econômicas, religiosas etc.), ao analisarmos educação e cultura, não podemos deixar de reconhecer a noção de poder, de dominação e de divisão de classes que caracteriza a nossa sociedade, ou seja, a manifestação explícita das diferenças sociais que podem representar a cultura. Assim, em nossa sociedade, há a valorização de uma cultura superior e dominante. Por sua vez, as relações estabelecidas ocorrem em contexto específico, a sociedade capitalista, cuja forma determina as ações e as possibilidades do sujeito ser e estar no mundo. Logo, a cultura pode ser concebida e representada por diferentes formas, contextos e sujeitos.

LEVANTAMENTOS PEDAGÓGICOS NAS OBRAS DE LITERATURA INFANTO - JUVENIL

A obra *Tiquinho do Pantanal - o dia-a-dia de um pantaneirinho* representa a criança que vive no Pantanal sul mato-grossense e narra com entusiasmo suas experiências, apresentando a relação entre os pantaneiros e o ambiente natural, os costumes da região e a vida que se produz no dia a dia.

Em *Pantanal amor baguá* apresenta-se a temporada de um adolescente paulista, conhecido por Tato, na região do Pantanal mato-grossense. Convidado por seu amigo, Betinho, para passar alguns dias em sua “sede”⁸ e conhecer um pouco de sua vida. O garoto, acostumado à vida na metrópole, descobre outros espaços.

Tato começa sua aventura instigando o leitor a pensar sobre uma palavra que soa expressiva e sonora, “baguá”, ao ouvir o médico Doutor Ricardo chamar o seu paciente mato-grossense de “baguazinho”, e nesse momento inicia o pensamento metaforicamente representado: “Boi baguá. Será que também existe ‘gente baguá?’” (RIBEIRO, 2003, p. 8).

No Pantanal, baguá é o boi que dispensa a falsa comodidade do sal no cocho, recusa a prisão dos currais e decide não mais aceitar os gritos dos campeiros. Foge para o mato, agrupa-se com outros animais na mesma situação, reaprende a se alimentar e a viver em estado natural e fica “dono” do seu território. Aí vive liberto, sem arame farpado e sem se sentir propriedade de ninguém. - “Por que gente não pode também ser baguá?” (RIBEIRO, 2003, p. 8).

É possível verificar nesse fragmento que as expressões são singulares da região. Ao compartilhar momentos da rotina, compreende-se a importância de entender algumas acepções para conviver e para apreender situações locais.

Quando Betinho levou seu amigo Tato para conhecer a região em torno da “sede”, este se deparou com termos que na linguagem do pantaneiro têm outro significado, como “praia”, e logo questionou:

— O quê? Aqui tem praia?! Betinho riu: — “Praia” aqui no Pantanal é o terreno da sede, o lugar na porta da fazenda. Dizem que antigamente o Pantanal era um mar. Vai ver que o nome “praia” vem daí. (RIBEIRO, 2003, p. 19).

8. Sede neste texto tem o sentido de casa, moradia.

Tiquinho também traz essa questão em sua narrativa:

Na aula de Geografia, entre outras coisas, aprendemos que o Pantanal se chamava Mar de Xaraés, pois acreditavam que aqui foi mar. Descobrimos que o Pantanal é a maior área alagável do mundo e que temos enchentes na época das chuvas, justamente porque a água não consegue escoar rapidamente. Ficamos vários meses isolados. A água cobre os campos, enche os corixos e transforma as vazantes em verdadeiros mares. (MONTEIRO, 2004, p. 18).

Ao apresentar a região do Pantanal, os autores ressaltam que a existência do sujeito pantaneiro envolve a produção da sua vida, tanto no aspecto material quanto no imaterial, por isso a importância de compreender o modo como esse sujeito age e interage, e apreende o meio no qual está inserido. Narrando o cotidiano vivido na região, destacam, ainda, a importância das pessoas que ali vivem e representam o lugar.

Gosto tanto do lugar onde vivo que eu quero contar a vocês, que moram na cidade um pouco sobre meu canto aqui: Sou Átila, mas todos me conhecem pelo meu apelido Tiquinho. Aqui no Pantanal, quase todo mundo tem um apelido. Tem uns até estranhos, como Nego Gato, que trabalha na fazenda vizinha. (MONTEIRO, 2004, p. 7).

As relações vividas são criadas pelos homens e, nesse sentido, oportunizam a cada indivíduo fazer as suas escolhas, viver a sua vida, representar o seu papel na sociedade. Ainda que seja segundo condições previamente dadas, cada sujeito constrói a sua história e participa da história do outro.

Em sua narrativa Tiquinho nos revela que os acontecimentos são vividos e socializados e que as ações são constitutivas de um grupo social, portanto o homem é resultado de um tempo histórico e concreto.

Ao se apresentar e à sua família, o garoto Tiquinho não só expressa a história do homem, afirmando que este nasce imerso em sua cotidianidade, mas evidencia a cultura do sujeito – sua origem, seu contexto, seu lugar de pertencimento.

Moro no Retiro Babaçu a oito quilômetros da sede da Fazenda Santo Amaro. Não sei se vocês sabem, mas retiro é uma parte da fazenda cujos moradores cuidam do gado e plantações. Geralmente a uma boa distância da sede. A gente fala com o capataz, que

mora na sede, pelo rádio. [...] Falando do meu pai, gostaria de apresentá-lo para vocês. Ele é retireiro, quer dizer, o responsável aqui pelo retiro Babaçu e tem um ajudante para, juntos, cuidarem do gado. Todos o chamam de Seu Dema e não tem ninguém como ele para cuidar do gado. (MONTEIRO, 2004, p. 8).

Sabemos que o nascimento físico não é suficiente para o ingresso na história. É nesse sentido que entendemos o significado da cultura, como processo de acumulação das experiências que o homem realiza no e com o mundo, na relação com outro. A partir delas, ele se insere no mundo social, na construção do meio em que vive,

Nota-se neste fragmento que, ao conhecer os peões da fazenda, Tato, amigo de Betinho, reparou em suas vestimentas:

O capataz Lorico estava de bota, espora e, na barriga, sobre o cinturão, trazia uma faixa verde, que dava várias voltas no corpo e formava uma tala mais larga na altura do umbigo. Camisa listrada, de manga comprida, e um chapéu caído nas costas, preso ao pescoço por um barbicacho. (RIBEIRO, 2003, p. 19).

Observa-se a adaptação do vestuário do peão às atividades que executa, como montaria, lida com o gado, caça e outras atividades da fazenda nas quais ele fica exposto ao sol, à umidade, ao mato fechado e outras condições adversas que possa encontrar em seu caminho. Características que marcam o processo de trabalho vivido pelos homens da região na lida das fazendas, no manuseio com o gado, nas situações climáticas, e a sua relação com o meio natural.

A figura do peão não se restringe apenas à descrição de um tipo físico. Mais que isso, ele significa, nessa cultura, alguém que expressa a atividade desempenhada nesse espaço, que representa a cultura do Pantanal.

Nos trechos abaixo, percebe-se que o homem que vive e trabalha na região adapta-se ao meio natural, inserindo a sua marca nas atividades realizadas.

[...] Aqui todos os dias acontecem coisas diferentes. Na estação da seca, vejo outros tipos de animais e pássaros, o pasto fica amarelo e eu chego da aula todo coberto de poeira. Dá pra ir de carro a qualquer lugar da fazenda. Nas enchentes, tenho que atravessar a vazante. Tudo fica verdinho, coalhado de jacarés, cheio de pássaros com seus filhotes saindo dos ninhos e começando a voar. Não dá pra andar de carro, as estradas só servem pra atolar. (MONTEIRO, 2004, p. 36).

Tiquinho assim se expressa:

[...] Hoje, por exemplo, a nossa estrada está movimentada: uma comitiva está levando uma boiada magra que vai engordar na serra, onde tem pastos melhores. Eles levam alguns dias pra chegar lá. Cada dia percorrido chamam de marcha. O cavaleiro que vai na frente tocando seu berrante é o ponteiro. O culatreiro vai atrás empurrando as reses e o que segue ao lado é o fiador. (MONTEIRO, 2004, p. 15).

Pode-se inferir, a partir das narrativas aqui expostas, as marcas da história de um sujeito, suas características, seus anseios, desafios, elementos que o tornam essencialmente histórico, sujeito às especificidades do contexto cultural em que vive, trabalha e se desenvolve. Um indivíduo que só pode ser compreendido por suas relações e vínculos sociais, pela sua inserção em determinada sociedade, em um determinado momento histórico.

Tato também observou o sotaque diferente, marcado pelo “t-xix” e “djota”, e “logo percebeu que o xis transformava ligeiramente em ‘txis’ e o jota em ‘djota’, esse som era aberto e franco: gente era *dgente*, chapéu virava *tchapéu* e queijo era *queidjo*”. (RIBEIRO, 2003, p. 20). Entendeu que esse jeito de falar do pantaneiro simples é herança dos índios e dos vizinhos bolivianos do pantanal mato-grossense.

A esse respeito, o autor afirma que

[...] é uma forma de cultura, que deveria ser motivo de orgulho e de incentivo, nas escolas, e por exemplo, na rádio e na tevê locais. O que ocorre, no entanto, é uma “perseguição” movida pelos citadinos (como se eles fossem assim tão cultos e refinados...) contra o jeito de falar do pessoal das fazendas. (RIBEIRO, 2003, p. 21).

Para a maioria dos pantaneiros mato-grossenses, as influências no vocabulário é um fato a esconder, se estão numa conversa animada entre eles, numa roda de tereré (o mate tipo chimarrão, só que frio) ou de guaraná, “falam tranquilamente sua língua de *txis* e *djotas*. Se, no entanto, se aproxima um ‘patrulheiro’ da cidade, procuram ‘corrigir-se’ para não serem chamados de caipiras”. (RIBEIRO, 2003, p. 21). A pluralidade linguística revelada pelo homem pantaneiro indica, antes de tudo, um acúmulo de experiências humanas que cria uma teia social, cultural e histórica que influencia as gerações seguintes por meio das manifestações do povo, retratando, assim, a linguagem como uma ferramenta essencial ao homem para transmitir

à sociedade as suas concretizações. Os reflexos dessa pluralidade estão presentes na riqueza do vocabulário linguístico da região.

A influência dos indígenas, dos paulistas e mineiros, dos bolivianos e paraguaios, dos portugueses e espanhóis apresenta-se nas situações e formas de vida que se traduzem não só na linguagem, mas também na culinária, no vestuário, nos hábitos e costumes. Ao se deparar com a primeira refeição do dia, o chamado “quebra-torto”, que consiste na “maria-xica”, uma comida feita de arroz, carne e farofa, acompanhada de leite, café e pão, Tato imaginou tratar-se de um almoço, que é uma refeição completa para ele, então perguntou se iriam fazer alguma viagem longa.

Totonho, o pai de Betinho, explicou que para eles era o desjejum, e a origem de seu nome, “quebra-torto”, provavelmente se deve a sua função de endireitar o corpo de manhã, dizendo que em tempos passados todos dormiam em rede numa posição em que o corpo ficava “torcido”, desnivelado, sendo necessária uma boa refeição para “destorcê-los” (RIBEIRO, 2003, p. 29).

Essa refeição “reforçada” do pantaneiro logo nas primeiras horas da manhã se deve ao fato de ele ter um alto gasto energético durante o resto do dia, seja no trabalho ou nas longas jornadas sobre o cavalo, sob o calor constante na região; alimentando-se bem não precisa se incomodar em fazer suas refeições no meio do cerrado. Esta alimentação é característica de todas as regiões do pantanal, amplamente utilizada pelos peões das fazendas.

Tiquinho explica:

Minha mãe, Maria Antonia, faz a melhor comida do mundo no fogão a lenha é claro, – E quem busca a lenha? Acertaram. Eu mesmo! – “Tiquinho, acabou a lenha, faz um favorzinho pra mãe, traga um pouco pra dentro.” Mas vou dizer, apesar do trabalho que me dá, vale a pena. O feijão cheio de carne seca cozido na lenha é diferente daquele que minha avó faz na casa dela [...] no fogão à gás. (MONTEIRO, 2004, p. 10).

As narrativas das crianças apresentam formas de alimentação típicas da região, uma aglutinação de costumes herdados que mostram os processos de adaptação necessários para viver e trabalhar na região.

Betinho explica que um dos costumes do lugar é montar a cavalo, e Tato nunca tinha montado antes, encontrando algumas dificuldades tanto na hora de subir quanto de conduzir o cavalo. Já o homem pantaneiro tem domínio sobre “o jogo de estímulo e rédea para pôr o cavalo numa toada cômoda – como eles dizem, ‘para

pegar a marcha' – ou o segura no passo, situação em que se acha em segurança, ou o estuga ao galope, para gozar a velocidade e escapar dos solavancos do trote". (RIBEIRO, 2003, p. 98). Neste trecho, o autor evidencia o controle sobre um dos principais meios de transporte, o cavalo, usado pelo homem pantaneiro, conhecimento que passa de geração em geração.

Observa-se nas obras analisadas que os autores elegem como conjunto principal as relações objetivas da realidade das pessoas, por meio das quais o indivíduo desenvolve sua ação no mundo, apropriando-se das obras da cultura produzidas pelo próprio homem.

Ambas as obras apresentam o pantaneiro e sua relação com a terra, o valor a ela atribuído – pois sabe que a terra é o seu trabalho, dela produz seu presente e seu futuro, cria seus filhos e conduz a sua existência. Trata-se de uma relação de conhecimento, uma vez que o pantaneiro conhece cada detalhe do ciclo das águas, o desafio a superar, a espera, a paciência de um homem que sabe como ninguém respeitar o tempo certo da natureza. "Esse aprendizado revela que o desenvolvimento do homem é produto da apropriação pelo sujeito da experiência histórica e cultural acumulada" (MORETTINI; URT, 2010, p. 58).

Além dos costumes da região em relação ao trabalho, os autores apresentam o lazer como fonte de distração e encontro com o "outro". Acostumado a uma boa conversa, o pantaneiro reúne os amigos sempre que tem tempo para conversar e contar "causos". "Sentamos em roda e passamos a guampa – um copão feito de chifre de boi com uma bomba, que parece um canudinho de metal, para tomarmos a erva mate com água gelada. É amargo e mata a sede mesmo" (MONTEIRO, 2004, p. 19).

Betinho assim descreve a reunião de amigos no Pantanal:

[...] à noite, no galpão dos peões solteiros, o cururu ferveu. É uma dança acompanhada com viola, em que os homens cantam, sapateiam e batem palmas. Tato gostou demais, estava até a ponto de pedir que alguém o ensinasse, mas não conseguiu passar das dez. O sono bateu, forte. (RIBEIRO, 2003, p. 186).

Conversando sobre os animais que existem na região, ele conta que a carne do porco selvagem é a melhor do Pantanal e que, portanto, fazem a caçada sem "dor na consciência", já que não é uma espécie em extinção (RIBEIRO, 2003, p. 16). Esta fala da personagem expressa a preocupação em relação aos animais que correm o risco de extinção devido à caça predatória na região, e uma concepção sobre o ambiente natural partilhada entre os pantaneiros.

Os autores lembram que o ato de preservar o meio ambiente não se restringe somente à defesa da vegetação e das águas, mas inclui também os animais e as próprias pessoas, ou seja, é preciso preservar a Terra em sua totalidade. Afirmando que a sustentabilidade local deve ser vista como um conjunto de medidas que, se adotadas por nós, podem ser capazes de garantir o futuro de nosso planeta para as atuais e as futuras gerações.

Na obra de Monteiro, essa questão é igualmente enfatizada:

Um dia desses, seu Zé sentou comigo pra papear e foi dizendo:

– As fazendas do Pantanal têm que tirar da natureza somente aquilo que ela pode dar, sem agredir o meio ambiente e o homem. Isso se chama desenvolvimento sustentável: ganhar dinheiro com o gado e turismo, e ao mesmo tempo conservar a natureza. O gado pasta, a enchente vem e repõe matéria orgânica e assim brota um capim forte e vigoroso, repetindo o ciclo. (MONTEIRO, 2004, p. 29).

Como já dito anteriormente, a educação é um fator importante na construção da identidade do sujeito. É um processo que se desenvolve e se constitui pela relação e pela mediação. Nessa perspectiva,

A constituição do sujeito é [...] sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação realiza-se de maneira informal, sem uma relação consciente, tanto da parte de quem aprende, como da parte de quem faz a mediação e o espaço educativo está existindo, no interior dessa prática social. (MORETTINI; URT, 2010, p. 48).

A educação é, portanto, a possibilidade de atuação do homem no mundo, em suas ações concretas. Mesmo informal, ela se evidencia no contexto em que ele vive e constrói a sua existência.

Apesar de eu morar meio longe, eu estudo na 4ª série do Núcleo Escolar Professora Elvira Moraes Silveira da Escola Pantaneira. Tenho 11 anos e vou para escola a cavalo. Todos os dias pulo cedo da cama. Aliás, com o barulho daquele motor de luz não tem jeito de ficar mais na cama. O motor de luz é movido a óleo diesel e faz o gerador produzir eletricidade pra nós. (MONTEIRO, 2004, p. 11).

Nossa escola funciona em período integral, temos algumas matérias adequadas para a nossa realidade e os alunos todos ficam na mesma sala, com uma professora só. [...] É

preferível estudarmos aqui a termos que morar com nossos parentes na cidade, longe de casa e dos nossos costumes. (MONTEIRO, 2004, p. 32).

Nas obras em análise, evidencia-se a educação como possibilidade de crescimento individual e coletivo, bem como de melhoria local.

CONSIDERAÇÕES

A literatura abordada traz aspectos peculiares da realidade objetiva e subjetiva do homem pantaneiro, cuja constituição e dinâmica pode ser explicada pelos pressupostos da teoria histórico-cultural, segundo os quais o homem se constitui como sujeito na relação social estabelecida dentro da comunidade em que se insere, começando no seio familiar e, posteriormente, abarcando os outros membros da sociedade. Essa relação é marcada pela atividade do sujeito, que modifica o meio sendo por este modificado.

Nas fazendas do Pantanal, distantes dos centros urbanos, as pessoas partilham significados acerca da realidade, verificados em cada conduta, pensamento, hábito, história e linguagem. Contudo, o sentido de cunho pessoal se forma na vida empírica de cada um e, desse modo, a educação se estabelece na relação, permitindo a interiorização dos significados e valores sociais concomitante à construção dos sentidos pessoais, elementos que integram a identidade do sujeito dentro da comunidade.

Buscamos encontrar nas obras em questão cenas e fragmentos que retratam a cultura e a educação na constituição do sujeito que vive na região pantaneira e sua relevância para o trabalho de leitura com crianças e jovens.

As obras analisadas não representam apenas o singular, mas retratam situações consideradas universais. Estamos diante de dois autores que apresentam o cotidiano da infância e vida adulta na região pantaneira, valorizando aspectos de sua rotina, e que tentam transmitir a visão própria da comunidade local, destinando-se tanto às crianças como aos adultos, pelas experiências que elas convidam a viver.

Tais obras apresentam o homem como construtor e produto da cultura. Um modo de viver e repassar às gerações a singularidade de um lugar portador de belezas naturais, mas que, principalmente, nos convida a refletir sobre o homem que habita e que faz a história em meio e com essa diversidade. Tiquinho e Betinho representam as crianças da região, que vivem em contato com a natureza, que a admiram e se preocupam em conservá-la. Garotos que revelam a gente pantaneira

e seu modo de vida, valorizando aspectos simples do cotidiano, mas ricos em artefatos culturais.

A leitura dessas obras é um convite a imaginar o cenário pantaneiro, os animais, as plantas e sua gente, evidenciando a cultura e a educação expressas em cada situação de vida, no trabalho, no lazer, na escola e na convivência com o outro, afirmando que, nessa relação dialética, homem e meio, juntos, são produtos da cultura.

Nesse sentido, os autores oferecem um material literário que agrega a ideia de que o Pantanal não é apenas um paraíso ecológico, é também um espaço educativo e cultural, onde o homem pantaneiro se completa a partir da interiorização dos acontecimentos que se dão na estrutura social na qual está inserido. Esses acontecimentos tornam-se significativos na medida em que ele passa a subjetivá-los. Portanto, o homem da região do Pantanal é apresentado por Marcela Monteiro e Hamilton Ribeiro como o sujeito que se constitui a partir da apropriação de artefatos culturais, tanto materiais quanto intelectuais, responsáveis pelo desenvolvimento de um sujeito histórico e concreto, produto e produtor de cultura.

Desse modo, as obras nos oferecem elementos para encontrar no cenário pantaneiro a presença do homem como expressão importante da educação e da cultura, propiciando aos professores e alunos um material relevante para estimular a leitura nas salas de aula das escolas da região pantaneira, pois oportunizam às crianças e aos jovens reconhecerem-se como construtores da história e produtores de cultura.

REFERÊNCIAS

- DELARI JR., A. *Vigotski e a prática do psicólogo: em percurso da psicologia geral à aplicada*. Mimeo. Umuarama, 2009. (2ª versão).
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004.
- MONTEIRO, M. L. *Tiquinho do Pantanal - O dia-a-dia de um pantaneiro*. Campo Grande, MS, 2004.
- MORETTINI, M. T.; URT, S. da C. *Cancioneiro do Pantanal*. Campo Grande, MS: Life, 2010.
- RIBEIRO, J. H. *Pantanal, amor baguá*. São Paulo: Moderna, 2003.
- SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 45-78, 2000.
- VIGOTSKY, L. S. *A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Org. Michael Cole et al. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *Psicologia Pedagógica*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Teoria e método em psicologia*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- _____. Manuscrito de 1929. *Recebido em 17 de abril de 2014 e aprovado em 07 de julho de 2015.*, v. 21, n. 71, p. 45-78, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/ao2v2171.pdf>>. Acesso em: 1 dez 2014.
- _____. *Obras Escogidas III*. Problemas del desarrollo de la psique. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Madrid: Visor, 1995.
- _____. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SOBRE AS AUTORAS

CELIA BEATRIZ PIATTI é doutora em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e professora da Licenciatura em Educação do Campo na mesma instituição.

E-mail: celiabp@brturbo.com.br.

SÔNIA DA CUNHA URT é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora do Programa de Pós-Graduação em Mestrado e Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (PPGEdu/UFMS) e do Programa de Mestrado em Psicologia (PPGPsi/UFMS).

E-mail: soniacunhaurt@terra.com.br.

Recebido em 13 de maio de 2014 e aprovado em 22 de março de 2015.